



Recepção e percepção dos acontecimentos de Portugal em Espanha no início da Guerra Peninsular¹

Gérard DUFOUR
Université de Provence - UMR Telemme

Segundo uma tradição relatada por Gallardo Merino, nas suas *Noticias de casos particulares ocurridos en la ciudad de Valladolid, año 1808 y siguientes*, publicadas em Valladolid, em 1886, Antonio de la Peña (redactor contra vontade da *Gazeta de Valladolid*, órgão de imprensa controlado pelas autoridades francesas e afrancesadas da cidade, que se editava à quarta-feira e ao domingo e era vendido pelo preço de sete *cuartos*) teria encontrado uma bela manhã, afixado na sua porta, a seguinte quadra:

”Señor Gacetero,
No sea Vd novelero
Y díganos, sea bien o mal,
Qué es lo que hay en Portugal”¹;

A pertinência do propósito era proporcional à impertinência do gesto. Porque, com efeito, no que foi realmente uma guerra peninsular (pelo menos do ponto de vista militar), os acontecimentos de Espanha só adquirem todo o seu verdadeiro significado quando relacionados aos de Portugal (e vice-versa). Assim, a convocação das Cortes, ou Assembleia, alegadamente Nacional, em Bayonne, não pode ser entendida sem a prévia convocação, com a mesma finalidade, de deputados portugueses para a mesma cidade e, independentemente da importância da rendição do General Dupont em Bailén, esta esmagadora derrota do exército imperial apenas adquire toda a sua dimensão em função da capitulação de Sintra, assinada um mês depois.

Mas esquecemo-nos, muitas vezes, desta inter-relação entre os acontecimentos de Portugal e de Espanha. Não há qualquer razão para ficarmos surpreendidos porque, pela sua parte, as autoridades imperiais tudo fizeram para os dissociar. E com tal sucesso que, ainda hoje, os historiadores franceses distinguem cuidadosamente a campanha em Portugal da guerra de Espanha. Em Espanha, José e o seu governo fizeram o mesmo. Mas conseguiram eles impor um *black out* total? E o que se passou nas zonas não ocupadas? É isso que nos propomos analisar nesta comunicação que, por razões óbvias de tempo de exposição, nos limitaremos ao início da *Guerra de la Independencia* espanhola, sabendo que uma atenção semelhante merece ser dada à recepção dos acontecimentos de Portugal durante todo o conflito.

De Janeiro a Agosto de 1808: a descrição da *Gazeta de Madrid*

Tal como já foi demonstrado pela professora Elisabel Larriba, na sua contribuição no estudo *desprestigio de la monarquía*, coordenado por Maria Victoria López Cordon, Napoleão não esperou que Murat, Grão-Duque de Berg e Clèves, se instalasse em Madrid para, senão controlar, pelo menos inspirar os redactores da *Gazeta de Madrid*, jornal oficial da monarquia espanhola, distribuído em todo o reino de Espanha e nas suas colónias ultramarinas. Também não é surpreendente que, num primeiro momento, no início de 1808, a *Gazeta de Madrid* não se mostrasse muito pródiga em informações sobre a invasão de Portugal pelas tropas francesas, invasão que fazia lembrar a famosa Guerra das Laranjas, na qual o Príncipe da Paz se tinha evidenciado sem grande esforço. Assim, a *Gazeta de Madrid*, na sexta-feira, 19 de Fevereiro

¹ GM, p. 131.

de 1808, ocupou-se largamente (nada menos que oito páginas) das proclamações de Junot e do decreto de Napoleão de 23 de Dezembro de 1807, relatando a ocupação de Portugal pelos Franceses². Entre finais de Fevereiro e 26 de Abril de 1808, os leitores da *Gazeta de Madrid* não tiveram outras notícias de Portugal senão as relativas à morte, no Porto, do general espanhol Tarranco, sobre a qual o jornal se debruçou por três vezes³. Nesta data, informava-se que os deputados (cuja lista foi publicada) tinham deixado Lisboa para irem apresentar os desejos e as homenagens da nação Portuguesa ao Imperador. Mas a *Gazeta*, que transcreveu claramente o artigo de um jornal francês, não deu mais importância a este facto que ao magnífico jantar oferecido a Junot pelo Sr. (sic) Magendie, comandante da marinha real espanhola⁴, no seu navio.

De igual modo, a 3 de Maio, foram dedicadas algumas linhas à partida do porto de Lisboa de navios neutros carregados com géneros coloniais⁵, mas, 14 dias depois, um longo artigo ocupava-se da recepção a Junot, como presidente da Academia de Lisboa⁶. Em 30 de Junho, a *Gazeta de Madrid* debruçou-se largamente sobre as manifestações de satisfação (especialmente da parte do clero) provocadas pela comunicação dos deputados portugueses junto de Napoleão das «benéficas intenciones de SM el Emperador de los Franceses respecto a Portugal»⁷, sem mais precisões.

Como pudemos constatar, poucas foram as informações sobre Portugal comunicadas aos seus leitores pela *Gazeta de Madrid* no decorrer dos últimos meses do reinado de Carlos IV, do efémero reinado de Fernando VII, da tenência de Murat e da muito rápida passagem pelo trono de José I. Para quem conhecia o sistema de comunicação imperial, este silêncio era a prova de que os Franceses encontravam grandes dificuldades no reino vizinho. Mas quantos Espanhóis puderam aperceber-se do facto? Aqueles que podiam ler outra imprensa, nomeadamente a publicada em Sevilha.

Do lado de Sevilha

Desde 1 de Junho de 1808, na Espanha revoltada, a *Gazeta ministerial de Sevilla* ridicularizou a *Gazeta de Madrid* controlada por José I e os seus ministros. Logo no número 2, que saiu a 4 de Junho, este órgão de imprensa da Junta Suprema de Sevilha publicou uma proclamação dirigida aos Portugueses, com a data de 30 de Maio, na qual exortava os habitantes do reino vizinho a libertarem-se do jugo que lhes impunha Junot. Não a podendo transcrever na íntegra (são quase duas páginas), contentamo-nos em citar o exórdio e a conclusão:

«Vuestra suerte ha sido quizá la más dura de cuantas ha sufrido ningún Pueblo de la tierra. Se forzó a vuestros Reyes a que huyese de vosotros, y lo sucedido al de España es una prueba irrefragable de la necesidad absoluta con que lo hicieron. Os mandaron que no os defendieseis, y no os habéis defendido. Junot ofreció haceros felices y vuestra felicidad ha sido haberos tratado con más crueldad que los Conquistadores más feroces han usado con los Pueblos que han subyugado por la fuerza de las arma, y después de una resistencia obstinadísima.

[...]

Dentro de vosotros mismos tenéis el objeto demuestra venganza. No obedezcais a los autores de vuestros males. Atacadlos. Son un puñado de miserables desmayados y vencidos ya por las mismas perfidias y crueldades que han cometido, y los han cubierto de oprobios a los ojos de la Europa y del mundo entero. Levantados en masa, y huid de manchar vuestras manos generosas con ningún delito, pues que vais a pelear contra el y destruirlo. Nuestros esfuerzos reunidos acabarán con esa Nación pérfida, y Portugal, España, la Europa toda respirarán o morirán libres, y como hombres.

² *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 19 de Fevereiro de 1808, nº15, p. 176 – 183.

³ *Gazeta de Madrid* del martes 23 de febrero de 1808, nº 16, p. 195, *Gazeta de Madrid* del martes 15 de marzo de 1808, nº 22, p. 264 - 265 et *Gazeta de Madrid* del viernes 18 de marzo de 1808, nº 23, p. 277.

⁴ *Gazeta de Madrid*, 2ª feira, 26 de Abril de 1808, nº41, p. 414–415.

⁵ *Gazeta de Madrid*, 2ª feira, 3 de Maio de 1808, nº 43, p. 429.

⁶ *Gazeta de Madrid*, 2ª feira, 17 de Maio de 1808, nº47, p. 470.

⁷ *Gazeta de Madrid*, 5ª feira, 30 de Junho de 1808, nº72, p. 688.

*Portugueses: vuestra Patria no peligra ya, sino que ha perecido. Uníos y volad a restablecerla y salvarla*⁸;

A Junta Suprema de Sevilha convidava, assim, os Portugueses a juntarem-se aos Espanhóis no seu levantamento contra Napoleão. Não o podendo anunciar, a *Gazeta ministerial de Sevilla* teve de se contentar, no seu número de 15 de Junho, ao relatar as notícias de Mora do dia 10, de assinalar que tudo estava pronto, que na Beira, o povo esteve quase/a dois dedos de atacar as tropas francesas e que, em Bejar, toda a gente estava armada e só estavam à espera que alguém encabeçasse a resistência contra os ocupantes⁹. Mas antes de arrastar os Portugueses, era necessário poder contar com tropas espanholas sob a autoridade de Junot.

No seu número de 22 de Junho, a *Gazeta ministerial de Sevilla* referia que uma certa efervescência se manifestava nas suas fileiras. Em Lisboa, lamentava-se, tinham sido desarmadas. Mas no Porto, o General Ballestá tinha levado os seus homens para a Galiza, e o destacamento de Setúbal estava pronto para fazer o mesmo¹⁰. Três dias depois, a Junta Suprema de Sevilha lamentava-se, relatando que Junot tinha decretado o alistamento de homens com idades entre 15 e 30 anos e perguntava como é que os Portugueses poderiam suportar essa ignomínia¹¹.

Mas, no mesmo número, congratulava-se com a acção do oficial espanhol Moreti que tinha tomado *Jurumeña* à cabeça de uma legião de voluntários estrangeiros formada essencialmente por desertores e voluntários Portugueses¹². Na verdade, a Junta Suprema de Sevilha não contava muito com os Portugueses para se opor a Junot, mas sobretudo com os soldados espanhóis estacionados em Portugal. Também incentivou aqueles que estavam "prisioneiros" dos Franceses a evadirem-se e a juntarem-se ao seu exército, prometendo-lhes o direito de usar uma insígnia e uma gratificação de 10 reais por mês. Esta decisão, tomada a pedido das autoridades militares, foi anunciada no número de 13 de Julho de 1808 da *Gazeta ministerial de Sevilla*¹³ que, no mesmo dia, informou os seus leitores que as tropas francesas se concentraram na capital do país vizinho, e que a esquadra inglesa estacionada no porto de Lisboa era impressionante¹⁴.

Em 16 Julho, segundo as notícias de Alcântara do dia 6, e de Badajoz do dia 7, a Junta Suprema de Sevilha pôde, finalmente, anunciar que todo o norte de Portugal se tinha revoltado, e que o Arcebispo de Braga presidia à Junta do Porto. Mas, se a situação das tropas francesas se tinha tornado tão difícil, ao ponto de provocar violentas dissensões no seio do estado-maior de Junot, o mérito devia-se inteiramente aos Espanhóis que tinham dado o seu apoio aos Portugueses que lhes imploravam ajuda¹⁵. A compaixão/comiseração da Junta relativamente aos Portugueses incapazes de, por si só, resistirem às tropas imperiais, foi, claro, dissimulada. Mas não era menos claramente perceptível. A capitulação de Dupont em Bailén, anunciada em um suplemento da *Gazeta ministerial de Sevilla*, de 23 de Julho, reforça o sentimento de superioridade da Junta face aos Portugueses. E a publicação da carta, que lhe remete de Tuy o padre Lorenzo Gómez Romero, emissário enviado pela Junta ao Porto, constitui um monumento de jactância patriótica¹⁶. No entanto, pela primeira vez, a *Gazeta ministerial de Sevilla*, no seu número de 30 de Julho de 1808, admitiu que o Exército Português da Beira estava em condição de ajudar os Espanhóis¹⁷. Os Portugueses eram, finalmente, considerados aliados de pleno direito.

⁸ *Gazeta ministerial de Sevilla*, sábado, 4 de Junho de 1808, nº2, p. 13-15.

⁹ *Gazeta ministerial de Sevilla*, 4ª feira, 15 de Junho de 1808, nº5, p. 34.

¹⁰ *Gazeta ministerial de Sevilla*, 4ª feira, 22 de Junho de 1808, nº7, p. 51.

¹¹ *Gazeta ministerial de Sevilla*, 4ª feira, 29 de Junho, nº 9, p. 67 (Notícias de Londres de 3 Junho).

¹² *Ibid.*, p. 68.

¹³ *Gazeta ministerial de Sevilla*, 4ª feira, 13 de Julho de 1808, nº13, p. 102 – 103 : "Esta Suprema Junta a propuesta del estado mayor de ejército ha concedido a los militares españoles, hechos prisioneros por los franceses, que se han escapado o escaparen de Portugal, la facultad de usar un escudo en el brazo izquierdo con la inscripción *Por Fernando VII, Religión y Patria* y a todas las clases de sargento abajo, 10 rls mensuales además de su prest".

¹⁴ *Ibid.*, p. 101.

¹⁵ *Gazeta ministerial de Sevilla*, sábado, 16 de Julho de 1808, nº14, p. 110: "Las plazas de Campo Mayor y Uguela se han entregado a las armas de nuestro augusto soberano el Sr. Don Fernando VII por los Portugueses que vinieron a implorar nuestro auxilio".

¹⁶ "Carta dirigida a esta Suprema Junta por su comisionado D. Lorenzo Gómez Romero, natural de Aruche, presbítero" in *Gazeta ministerial de Sevilla*, 4ª feira, 27 de Julho de 1808, nº17, p. 135 – 136.

¹⁷ *Gazeta ministerial de Sevilla*, sábado, 30 de Julho de 1808, nº18, p. 141.

Da evacuação de Madrid por José I à capitulação da capital de Espanha

A situação mudou completamente após a partida de Madrid de José I, na sequência da derrota das tropas de Dupont em Bailén, e, quando a *Gazeta de Madrid*, a partir de 2 de Agosto, deixou de estar sob o controlo dos Franceses, podendo então publicar as mesmas informações que a *Gazeta ministerial de Sevilla*. Pelo menos teoricamente, porque podemos notar um certo desfasamento entre as notícias relatadas pelos dois jornais. Assim, em 5 de Agosto, a *Gazeta ministerial de Sevilla* dava conta das atrocidades cometidas pelas tropas francesas em *Bejar* e *Villaviciosa*, e anunciava que mil "beduínos" tinham sido feitos prisioneiros pelos estudantes de Coimbra¹⁸.

Por sua vez, em 9 de Agosto de 1808, o jornal madrilenho encontrava-se ainda a dedicar um longo artigo às notícias provenientes de Badajoz. Neste dá-se a conhecer que a Extremadura, preocupada em ajudar os seus bons vizinhos portugueses a livrarem-se do jugo dos tiranos do continente, tinha enviado o Coronel Moreti e o seu regimento tomarem a praça de Jurumeña, e sobretudo, publicam-se duas proclamações, uma não assinada mas emanada da Junta da Extremadura, a outra do governador de Coimbra, apelando ambas à luta contra os Franceses¹⁹.

Sete dias mais tarde (mas apenas dois números depois), a *Gazeta de Madrid* voltava a referir-se a Portugal reproduzindo, nomeadamente, um artigo publicado no número 33 do *Diario de Badajoz*, que dava a conhecer aos seus leitores uma carta "dos Portugueses" (sem mais precisões) dirigida à Junta Suprema da Extremadura, através do Coronel Moretti, na qual lhe suplicava que viesse em sua ajuda. Ignoramos se esta carta era autêntica ou se foi forjada com objectivos de propaganda. Mas o resultado é o mesmo: a *Gazeta de Madrid* retomava a visão da Junta Suprema de Sevilha segundo a qual os Espanhóis, e só eles, eram capazes de vencer os Franceses, e Portugal inteiro mostrava-se extasiado perante o heroísmo daqueles que tinham derrotado o Tirano.

«oprimidos y faltos de medios, hemos sido pavorosos espectadores de la velocidad con que redobláis los esfuerzos para libertar al mundo y a vuestros compatriotas. Somos vuestros vecinos, somos desgraciados, y el enemigo es también el vuestro: estos motivos nos hacen creer que la proposición y súplica que contiene el adjunto papel que tengo el honor de dirigiros serán atendidas por esta suprema junta. Dignaos pues hacérselas presentes a beneficio de los mismos pueblos de esta provincia de Alentejo, que suspira por la honra de imitaros.

[...]

Vosotros, únicamente valerosos españoles, socorrednos; vosotros que emprendisteis la noble y justísimo empresa de salvar la Europa, deshaciendo al tirano del continente en medio de la carrera de sus robos...»²⁰.

Do mesmo modo, a 19 de Agosto podia ler-se na *Gazeta de Madrid* que, de acordo com as notícias provenientes de Badajoz, 1500 Espanhóis, aos quais se juntaram alguns Portugueses, tinham enfrentado em Évora 8000 Franceses que tinham retirado de Lisboa, causando-lhes 2200 mortos, enquanto as suas perdas eram de apenas 40 ou 45 homens, o que não tinha impedido os vencidos de saquearem a cidade e de cometerem todos os tipos de crimes, incluindo o assassinato do bispo²¹. Para o "correspondente" da *Gazeta* em Badajoz, as tropas espanholas só podiam ser invencíveis e os Portugueses eram as vítimas de uma luta na qual tinham uma ínfima participação.

A bandeira Portuguesa ganhou algumas cores quando, em 6 de Setembro de 1808, a *Gazeta de Madrid* publicou a notícia proveniente de Viana, da derrota de Junot no Vimeiro. Mas claro, foram os Ingleses que defrontaram Junot. Contudo, a publicação da situação das forças em Portugal (com 48000 Portugueses, 20000 Ingleses e 14000 Espanhóis pertencentes às tropas auxiliares) recolocava a nação vizinha entre os beligerantes²². Porém, três dias depois (ou seja, no número seguinte), volta-se aos hábitos, retomando um

¹⁸ *Gazeta ministerial de Sevilla*, 6ª feira, 5 de Agosto de 1808, nº20, p. 158.

¹⁹ *Gazeta de Madrid*, 2ª feira, 9 de Agosto de 1808, nº111, p. 985 - 987.

²⁰ *Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 16 de Agosto de 1808, nº113, p. 547.

²¹ *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 19 de Agosto de 1808, nº115, p. 561

²² *Suplemento a la Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 6 de Setembro de 1808, p. 1128.

artigo do número 70 do *Diario de Badajoz*, no qual se atribuem os sucessos militares somente às tropas espanholas (com exclusão de todas as outras, Inglesas ou Portuguesas), tropas espanholas que inspiraram um tal terror ao exército imperial que os vencedores de Austerlitz, Léna, Eylau e Marengo só pensavam em se esconder/entrincheirar quando as avistavam²³.

Os leitores da *Gazeta de Madrid* foram informados da capitulação de Sintra por um número extraordinário do seu jornal, publicado em 10 de Setembro de 1808. A informação não tardou a ser difundida dado que a capitulação foi assinada a 23 e confirmada a 30 de Agosto. A *Gazeta ministerial de Sevilla* tinha-a precedido de oito dias no anúncio da derrota de Junot²⁴. Mas a *Gazeta ministerial de Sevilla* tornou-se rapidamente dependente da *Gazeta de Madrid* para a sua informação sobre Portugal e, por exemplo, limitou-se a reproduzir o artigo de 6 de Setembro da gazeta madrilena, na sua edição de 16 do mesmo mês, sem acrescentar qualquer facto ou o mínimo comentário²⁵.

Curiosamente, é de forma indirecta que os leitores da *Gazeta de Madrid* tomam conhecimento de uma notícia tão importante como a evacuação de Portugal pelas tropas francesas. Com efeito, mais do que dar a notícia e expor o conteúdo das capitulações, a Gazeta optou por publicar o texto de dois *ofícios* comunicados pelo general Castaños, um do tenente-coronel de engenharia Josef Pizarro para Josef Gallazo, capitão geral do exército da Extremadura, o outro deste último para Castaños, ambos relativos aos contactos tidos com o general Monteiro-Mos no sentido de coordenar a posição das tropas espanholas e portuguesas²⁶. Evidentemente, para Castaños, estava fora de questão que a capitulação de Sintra abafasse a de Bailén, e pretendia manter o protagonismo na luta contra o Imperador, quaisquer que fossem os êxitos dos Ingleses em Portugal. Note-se aliás que, se a notícia da capitulação de Sintra originou a edição de um número especial da *Gazeta de Madrid*, não provocou qualquer comemoração especial, e que não se decretou a iluminação geral dos edifícios como era hábito para celebrar todos os grandes acontecimentos.

A realidade da capitulação foi confirmada quatro dias depois, no dia 14 de Setembro, pelo mesmo sistema de publicação de um *ofício* enviado a Castaños por Gallazo, que também lhe transmitiu o ofício recebido do Major-General Inglês Bingham para lhe anunciar que «*consiguiente a la mencionada capitulación, han cesado todas las hostilidades en Portugal y en este país se halla libre de la opresión de los Franceses*»²⁷. Mas é apenas dois dias mais tarde, na rubrica "Estrangeiro", ao lerem as notícias de Londres de 16 de Agosto, que os Espanhóis puderam fazer uma ideia geral dos acontecimentos e relacionar a capitulação de Junot com os sucessos Ingleses que lhes tinham sido anunciados a 6 de Setembro:

«*Ayer se fijo en el café Lloid el boletín siguiente:*

Mr. Basílica, mensajero del Rey, llegó esta mañana de la embocadura del Tajo, de donde partió el 3 del corriente.

Los generales Velleslei y Spencer se habían unido y desembarcado sus tropas.

Habíase hecho una intimidación a Junot el cual ofreciera capitular con ciertas condiciones; pero en ellas no había querido consentir su compañero Laborde.

Los portugueses armados se habían reunido en gran número a los ingleses.

Junot no había podido dar ni recibir noticias de Francia hacía 10 semanas»²⁸.

A publicação deste comunicado marca uma mudança na abordagem dos acontecimentos de Portugal pela *Gazeta de Madrid* que, pela primeira vez, reconhecia a participação massiva de militares Portugueses na luta contra os Franceses. Uma semana depois, o jornal madrileno dedicava três páginas inteiras aos acontecimentos em Portugal e reproduzia dois artigos publicados na *Gazeta de la Coruña* que relatavam os

²³ *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 9 de Setembro de 1808, nº 121, p. 1147 – 1148.

²⁴ *Gazeta ministerial de Sevilla*, 6ª feira, 2 de Setembro de 1808, nº 28, p. 224.

²⁵ *Gazeta ministerial de Sevilla*, 6ª feira, 16 de Setembro de 1808, nº 32, p. 254 - 255.

²⁶ *Gazeta extraordinaria de Madrid*, sábado 10 de Setembro de 1808, nº 122, p. 1151.

²⁷ *Gazeta de Madrid*, 4.ª feira, 14 de Setembro de 1808, nº 124, p. 1168.

²⁸ *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 16 de Setembro de 1808, nº125, p. 1170.

combates que precederam a capitulação²⁹. Reconhece-se o importante papel que tiveram os militares portugueses nos combates. Mas não dispensaram de inserir, na rubrica "notícias de Londres" uma referência a Bailén, e com uma espantosa intuição, afirmar que à derrota de Dupont em breve se juntaria a de Junot³⁰. As mesmas "notícias de Londres" permitiram reforçar a vitória de Wellesley sobre Junot, nas gazetas de 4, 7 e 14 de Outubro³¹. Sem dúvida, de modo involuntário, a *Gazeta de Madrid* começou a louvar o futuro Wellington e a deixar subentender que era o único que poderia levar a cabo a luta contra o Imperador dos Franceses.

Em 18 de Outubro de 1808, a *Gazeta de Madrid* e a *Gazeta ministerial de Sevilla* deram duas informações diferentes sobre Portugal. Em Sevilha, foi publicada a lista dos membros do Conselho de Regência, que encarnavam de novo a legitimidade, acompanhando-a de um comentário compadecido sobre os infortúnios da monarquia vizinha ("¡Quiera Dios que esta infeliz monarquía acometida de la más cruel tempestad que ha experimentado en ninguna época, descanse finalmente al abrigo de este gobierno tutelar, de tantos males y afliciones como ha sufrido!"³²). Por seu lado, no mesmo dia, na sua rubrica "Portugal", a *Gazeta de Madrid* ao relatar as notícias que tinha recebido de Lisboa, datadas de 17 de Setembro de 1808, dava conta da alegria dos habitantes quando a bandeira portuguesa se ergueu novamente na capital do reino vizinho e que, de acordo com a capitulação de Sintra, os militares franceses foram evacuados pela armada britânica, chamando ainda a atenção dos Espanhóis sobre a importância da derrota de Junot³³. Mas a publicação do texto integral da capitulação de Sintra, copiada de um número extraordinário da gazeta de Londres, de 1 de Novembro de 1808, foi acompanhada da tradução de um artigo muito severo do *Morning chronicle* para com quem tinha assinado um texto tão "odioso"³⁴, ao declarar que:

«para dar un fin completo y correspondiente al todo de esta baja y afrentosa capitulación, solo falla que Bonaparte se apodere y destine para uso de la gran nación los bajeles ingleses que conducen a los puertos de Francia los equipajes de los que han robado a nuestros amigos y aliados los portugueses»³⁵.

E como se isso não bastasse, citava-se de novo o curioso julgamento de *Morning chronicle* em um suplemento deste número da *Gazeta de Madrid*:

«los portugueses se quejan deque los ingleses, que son únicamente auxiliares, han obrado como si fueran los principales en la capitulación hecha con el general Junot, y este es quizás el argumento más fuerte y sin réplica que se ha hecho contra el valor de esta capitulación»³⁶.

A *Gazeta de Madrid*, na sua rubrica «notícias de Inglaterra» voltou, mais uma vez, em 25 de Novembro de 1808, ao facto de que se tivéssemos deixado Wellesley explorar plenamente a sua vitória sobre Junot, este não teria tido outra solução senão render-se à discricção³⁷. Entretanto, no dia 4 do mesmo mês, informava os seus leitores sobre a reorganização do Exército Português³⁸. No mesmo dia, os leitores da *Gazeta ministerial de Sevilla* tinham recebido a mesma informação³⁹.

Napoléon preparava-se para tomar Madrid, quando, a 2 de Dezembro de 1808, a *Gazeta ministerial de Sevilla* relatou a instalação em Lisboa, no dia 29 de Outubro, do encarregado de negócios da Junta Central do governo junto da Regência portuguesa, Dom Pascual Tenorio y Moscoso. Foi a ocasião para a Junta Central manifestar o seu desejo de ver restabelecida a harmonia que reinou outrora entre as duas monarquias vizinhas e exaltar a aliança que deveria unir Portugal e Espanha com a Inglaterra para escapar à

²⁹ *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 23 de Setembro de 1808, nº127, p. 1194 – 1197.

³⁰ *Ibid.*, p. 1193.

³¹ *Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 4 de Outubro de 1808, nº 131, p. 1233 – 1235; *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 7 de Outubro de 1808, nº132, p. 1261 – 1265; *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 14 de Outubro de 1808, nº134, p. 1289 – 1293.

³² *Gazeta ministerial de Sevilla*, 3ª feira, 18 de Outubro de 1808, nº41, p. 324.

³³ *Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 18 de Outubro de 1808, nº135, p. 1322 – 1323.

³⁴ *Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 1 de Novembro de 1808, nº140, p. 1399 – 1403.

³⁵ *Ibid.*, p. 1402.

³⁶ *Suplemento a la Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 1 de Novembro de 1808, p. 1411.

³⁷ *Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 25 de Novembro de 1808, nº197, p. 1537.

³⁸ *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 4 de Novembro de 1808, nº 141, p. 1422.

³⁹ *Gazeta ministerial de Sevilla*, de 4 de Novembro de 1808, nº46, p. 363.

escravidão que ameaçava a Europa⁴⁰. A Junta Central, ao contrário do que fez a Junta Suprema de Sevilha, tratou desde então Portugal como um aliado de pleno direito. Mas depois da Inglaterra, cuja liderança na luta contra Napoleão era incontestável.

Desde então, durante três anos e meio, de 6 de Dezembro de 1808 até 10 de Agosto de 1812 inclusive, a *Gazeta de Madrid* seria controlada pelas autoridades josefinas. Os acontecimentos de Portugal que foram por esta relatados tanto como pela *Gazeta ministerial de Sevilla*, sem ter na imaginação popular espanhola a força do impacto da vitória de Bailén ou do primeiro cerco de Saragoça, forjaram a imagem dum general inglês, o futuro Wellington, capaz de vencer os melhores generais do império. A poesia, a estampa e a música renderam-lhe homenagem, tendo contribuído para celebrar os méritos de um aliado, de uma Inglaterra aliada preferencial de Espanha: assim, pode-se encontrar nos livreiros da capital de Espanha odes, *Odas en elogio de la nación inglesa auxiliando a la España y su augusto REY FERNANDO VII dedicadas a las damas de Londres*⁴¹. O livreiro Escribano, que teve loja em Madrid na rua das Carretas, e o seu colega valenciano Miguel, propunham aos seus clientes uma gravura em díptico, com uma alegoria da Espanha defendendo-se da hidra imperial e que o anúncio da *Gazeta de Madrid* apresentava do seguinte modo:

«estampa nueva que representa a un lado la defensa de España y el abatimiento del orgullo francés y en el otro el triunfo de Inglaterra sobre Portugal dedicada al autor inglés del toro español. Es una alegoría de Hércules, que viéndose engañado por la hidra, recurre a sus fuerzas, levanta la clava, y dándole golpes la hace vomitar el mapa de España que con engaños tenía ya tragado. La Inglaterra, representada por Marte, entra en Portugal y vence a Junot (una de las cabezas de la hidra), le sujeta, le saca el cebo de la boca, y la quita la corona; además tiene otras alegorías propias y anejas al sol de España, nuestro rey Don Fernando VII»⁴².

Podia-se mesmo adquirir por oito reais, na loja Escribano e Esparza, instalada na Puerta del Sol, a partitura de *La tirana guerra Tirana, la visión de España e Inglaterra*, canto patriótico cujo libreto foi ornado com um retrato de Fernando VII e que se destinava a ser acompanhado ao piano ou à guitarra⁴³. Só o teatro, salvo erro da nossa parte, se absteve de comemorar a vitória sobre Junot. Mas a diversidade destas homenagens artísticas mostra o valor que os Espanhóis atribuíram a este feito militar. Os madrilenos, em especial, manifestaram a sua confiança em Wellesley, em Julho de 1809, sob o olhar das autoridades francesas, reunindo-se vários dias consecutivos frente ao palácio real, na esperança de assistirem à sua entrada⁴⁴. Foi preciso esperar até 1812 para verem o seu sonho realizar-se.

⁴⁰ *Gazeta ministerial de Sevilla*, de 2 de Dezembro de 1808, nº54, p. 427 : “manifestó los deseos de la Junta Central gubernativa de España de restablecer entre ella y Portugal la buena armonía que felizmente conservaban antes de la invasión de los franceses; demostró la necesidad de reunirse estrechamente ambas naciones con la Inglaterra para defender la libertad común y evitar la esclavitud que amenaza a la Europa, y concluyó uniendo sus votos a los deseos de las tres naciones confederadas”

⁴¹ *Gazeta de Madrid*, 3ª feira, 1 de Novembro de 1808, nº140, p. 1410. Era explicitado no anúncio: “puede ir en carta”.

⁴² *Gazeta de Madrid*, 6ª feira, 4 de Novembro de 1808, nº141, p. 1430.

⁴³ *Suplemento a la Gazeta de Madrid* de 4 de Novembro de 1808, p. 1438.

⁴⁴ Nicole Gotteri, *La Mission de Lagarde, policier de l'Empereur pendant la Guerre d'Espagne (1809 – 1811)*. Edition des dépêches concernant la Péninsule ibérique, Paris, Publusud, 1991, p. 114 sq.